

A GÊNESE DA ESCOLA MENONITA NO BRASIL

MASKE, Wilson – PUCPR

wilson.maske@pucpr.br

Área temática: Educação, História e Política
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

A imigração de alemães menonitas no Brasil revestiu-se de um caráter bastante especial, em comparação com outros grupos imigrantes. Originários da Reforma Protestante do século XVI, os menonitas se constituíram num grupo religioso bastante fechado e que rejeitava o contato com o mundo secularizado. Seus fundamentos religiosos se fundamentaram no anabatismo, que rejeitava a ordem constituída, em nível religioso e também na relação do cristão com o Estado. Em função disso, os menonitas passaram a ser fortemente perseguidos, o que os buscou colonizar áreas despovoadas na Europa e nas Américas, em colônias fechadas auto-governadas, onde tudo, inclusive hospitais e escolas, estava sob seu controle. Esse isolamento, levou os menonitas a criar uma identidade religiosa e étnica muito própria e característica, onde a língua alemã exercia um papel de coesão do grupo. Apesar de pacifistas, muitas vezes os menonitas foram vistos como elementos perigosos que precisavam ser integrados pelos governos dos países onde residiam. Disso resultarão imigrações forçadas, como foi o caso dos menonitas que chegaram no Brasil em 1930, vindos da Rússia soviética. Nesse estudo, será analisado de que forma os menonitas tentaram implementar um sistema escolar no qual a identidade religiosa e étnica do grupo poderia ser preservada. No entanto, essa tentativa irá ocorrer justamente no momento em que o governo brasileiro tentava nacionalizar todas as instituições de imigrantes estrangeiros, entre elas a escola, que constituíam uma exceção cultural no Brasil.

Palavras-chave: Imigração alemã; Protestantismo; Menonitas; Identidade étnica; Política de nacionalização.

Introdução

Os menonitas são um grupo religioso e étnico que chegou ao Brasil em 1930. Sua origem é bastante complexa, mas nela sobressai uma forte identidade alemã e uma tradição religiosa protestante anabatista ligada à Reforma Protestante do século XVI. Os menonitas são considerados descendentes diretos da Reforma Radical, tentativa não só de reforma da instituição eclesiástica, mas também do Estado.

A motivação para a imigração de alemães menonitas não se reveste do caráter econômico que outros grupos imigrantes tiveram no Brasil. Sua vinda ao Brasil está relacionada com a Revolução Russa de 1917 e com o confisco de terras de pequenos e médios fazendeiros na URSS no final da década de 1920. Também o caráter ateuista do regime socialista soviético contribuiu de forma decisiva para sua saída da Rússia.

A construção das primeiras escolas menonitas no Brasil

Os imigrantes menonitas se estabeleceram primeiramente no alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Neste local, fundaram uma pequena cidade, Witmarsum, e outras pequenas aldeias. A partir de 1936, como não se ambientaram muito bem na região montanhosa e úmida que lhes fora inicialmente destinada, começaram a se dirigir também para a região de campos de Bagé, no Rio Grande do Sul. A principal concentração de menonitas, no entanto, passou a ser o Paraná, onde primeiramente fundaram duas colônias em Curitiba, nos bairros do Boqueirão e da Vila Guaira. A partir dos anos 1950, fundaram uma nova Witmarsum, no município de Palmeira, a meio caminho de Curitiba e Ponta Grossa. Nos tempos atuais, pode-se considerar que Curitiba é o centro do menonitismo no Brasil.

Tanto na Rússia, como nos outros países com forte presença menonita (Canadá, México, Estados Unidos, Brasil e Paraguai), a forma de organização do grupo era em colônias agrícolas fechadas com administração própria. Normalmente toda a comunidade menonita tinha instituições que possibilitavam a permanência da colônia: cooperativas, hospitais, asilos, igrejas e escolas. Em especial, a escola estava imbuída de um papel bastante importante em relação à construção da identidade coletiva do grupo menonita.

As fontes históricas que nos levam a fazer a arqueologia da escola menonita no Brasil são o jornal *Die Brücke*, meio informativo fundado logo no primeiro ano no Brasil. Neste periódico, poucos são os números que deixaram de incluir algum artigo ou notícia acerca da questão escolar. Da mesma forma, nas atas das reuniões realizadas pela diretoria da colônia menonita em Santa Catarina, poucas vezes não encontraremos discussões e decisões relativas à escola. A disponibilidade de fontes é bastante grande, o que nos permite obter uma visão ampla da vida escolar entre os menonitas nos primeiros anos de sua colonização em Santa Catarina e depois no Paraná. Talvez um dos fatores que dificulte uma

pouco para o pesquisador brasileiro, seja o fato de que o material está em sua maior parte em língua alemã, o que pode ser um fator complicador para quem não domina a língua.

Segundo Klassen (1995, p.319), ainda no primeiro ano de estada dos menonitas no Brasil (1930), teve lugar uma assembléia geral entre os membros da colônia que discutiu as circunstâncias de instalação, o mais breve possível, de uma escola para as crianças menonitas na localidade de Krauel. Ficara firmado que uma determinada área na região central da colônia seria destinada para a construção da escola, a qual todas as crianças poderiam freqüentar. Logo após, começou o trabalho de limpeza e desmatamento do terreno, em regime de mutirão. O *Die Brücke* anuncia o fim dos trabalhos de desmatamento do terreno da escola em setembro de 1930. Na mesma edição, observou que o número de alunos estaria em torno de 90. Este alto número de estudantes dificultaria o trabalho do professor. Seria melhor construir uma escola para duas classes e não só para uma, como havia sido anteriormente planejado. Com isso, seria necessário contratar mais um professor. Fez-se necessário também a eleição de uma comissão educacional para estabelecer as diretrizes de funcionamento do sistema escolar. O rápido desenvolvimento da instituição escolar causava satisfação nos menonitas, tendo em vista as dificuldades de colonização, mas também a visitantes de fora, como os que o *Die Brücke* nos informa¹. Segundo o editor, o prefeito de Blumenau e os cônsules alemães de Porto Alegre e Florianópolis se expressavam favoravelmente ao empreendimento.

Sabemos também que os menonitas tiveram apoio externo para concretizar o projeto escolar. Segundo Klassen, a diretoria da colônia mantinha estreito contato com os menonitas da Holanda, de onde recebiam constantemente fundos para a obra escolar. O governo alemão também tinha interesse em fomentar a vida cultural nas colônias alemãs na América do Sul e manter o nível das escolas o mais alto possível. Para tal a comissão educacional dispunha de recursos respeitáveis, que foram revertidos em bibliotecas, material didático, material para construção e salários para os professores. Bolsas de estudo também foram concedidas para mandar rapazes e moças ao seminário pedagógico de Blumenau.

Em 1933 já existiam seis escolas de nível fundamental no núcleo colonial menonita em Santa Catarina com 274 alunos. Da mesma forma, em 1936 foi fundada a escola

¹ *Die Brücke*, janeiro e fevereiro de 1933.

menonita do Boqueirão, hoje Colégio Erasto Gaertner, em Curitiba, para os filhos dos menonitas que começavam a abandonar Santa Catarina em busca de melhores oportunidades econômicas. Em 1936 havia 20 alunos estudando nesta escola.

O relato do professor David Enns é bastante esclarecedor sobre as primeiras experiências de lecionar em uma escola da zona colonial:

Em 8 de janeiro de 1931 foi o primeiro dia de aula, o primeiro dia de trabalho com nossas crianças. Vieram 42 alunos, 22 eram iniciantes com idades variando de 7 a 11 anos. Os outros 20, maiores, vinham de 17 diferentes regiões da Rússia. Um verdadeiro caleidoscópio de educação e conhecimento. (KLASSEN, 1995, p. 320)

Com relação o ponto de vista do cotidiano escolar, vale a pena conhecermos o depoimento de uma aluna, Elisabeth Toews:

No tempo em que frequentei a escola, tínhamos um professor chamado Kornelius Funk. Nós, crianças, gostávamos muito dele, apesar de ser muito rigoroso conosco. Mas ele tinha que nos levar com firmeza, pois do contrário, ele não daria conta da turma, que era muito numerosa. Infelizmente não me lembro mais quantos alunos éramos. Nossa principal matéria era a língua alemã, mas tínhamos também uma cartilha brasileira. Todos os alunos tinham uma lousa de ardósia. Durante a aula o professor circulava entre os bancos e se ele pegasse alguém cochichando, o coitado levava umas varadas. É, ordem existia na escola. Pouco tempo depois recebemos outro professor. Seu nome era Peter Friesen. Nós gostávamos muito dele, pois brincava conosco durante o recreio. (PAULS, 1980, p. 6)

Podemos observar nos depoimentos a caracterização geral da noção de escola, da clientela e das condições que os colonos tiveram que enfrentar para criar uma instituição escolar, considerada essencial para a manutenção da identidade e coesão do grupo. Percebemos que a origem dos alunos era bastante diversa. Oriundos de diferentes localidades da Rússia e de diferentes escolas, deveriam todos ser integrados, dentro do possível, em uma nova realidade escolar.

Percebemos também que, apesar do rigor e muitas vezes violência, o que seguia o padrão da maioria das escolas daquele tempo, havia uma tentativa de interação de professores e alunos. De qualquer forma, a escola não parecia ser um castigo, mas um lugar bastante agradável. Com isto, haveria a possibilidade de tornar o ambiente escolar um lugar e acolhimento, que seria posteriormente relacionado com a identidade alemã e menonita.

Percebemos também a grande valorização dada à língua alemã, mecanismo básico para a manutenção do arcabouço cultural menonita. De forma semelhante, percebemos nas fontes que a idéia de uma permanência definitiva no Brasil não agradava a muitos, pois o contato com a realidade brasileira foi para alguns, decepcionante. Havia sempre a possibilidade de um retorno para a Alemanha ou uma re-migração para o Canadá.

Ainda que o currículo da primeira escola menonita tivesse “uma cartilha brasileira”, não era demonstrado muito empenho no estudo da língua portuguesa, nem que houvesse uma séria tentativa de ensiná-la para as crianças, no intuito de facilitar sua integração na sociedade brasileira. Eram hóspedes e como tal gostariam de ficar. Possivelmente o turbilhão no qual os menonitas se viram envolvidos, em função da situação política na Rússia e de sua virtual expulsão e da situação de apátridas para muitos deles, não os deixava refletir acerca desse tema. De qualquer forma, é surpreendente que tenham se agilizado para estabelecer sua própria escola, pois poderiam ter esperado a ação do governo estadual de Santa Catarina nesse sentido.

Na verdade, isto se deve ao grande interesse e preocupação por parte dos menonitas em manter a escola particular, sob controle da comunidade menonita, como veículo de preservação de sua identidade religiosa. Isto, no entanto, acabou por responder também aos anseios de preservação da identidade étnica alemã, e não apenas da identidade religiosa. Esta devoção, como em breve veremos, não pode deixar de ser observada pelas autoridades brasileiras, quando em 1938, suas escolas foram fechadas em função das leis de nacionalização implementadas pelo governo Vargas.

A diretoria da colônia menonita observou rapidamente qual a situação da escola no Brasil. Sabia que a promessa feita aos primeiros imigrantes ainda no século XIX, de que teriam escolas públicas gratuitas, não se cumprira. Os próprios colonos tiveram a tarefa de se organizar e providenciar a educação de seus filhos. Afinal, pensavam os colonos menonitas, como o governo atrairia professores bem preparados e construiria escolas bem equipadas para os imigrantes, se nem sequer tinha competência para atender aos brasileiros natos? Já acostumados a manter eles mesmos suas próprias escolas na Europa, os menonitas nada esperaram de ajuda governamental. Prepararam-se então para oferecer a melhor educação possível para seus filhos, em escolas privadas, dentro de sua tradição ancestral.

A questão do ensino da língua portuguesa

Ao mesmo tempo, era necessário que pelo menos os professores aprendessem a língua portuguesa o mais rápido possível, além de incluí-la no currículo escolar. A questão do aprendizado do português é uma constante nos primeiros dos menonitas no Brasil. O jornal *Die Brücke* traz inúmeras referências a se aprender ou à necessidade de aprender a língua nacional, pois isso era necessário para facilitar e acelerar a integração no novo ambiente, no qual os menonitas passariam a viver. Devemos destacar que os exames de proficiência aos quais os professores eram submetidos pela Secretaria de Instrução Pública de Santa Catarina eram aguardados com ansiedade e as aprovações festejadas.

O governo federal acabou por encaminhar ajuda nesta questão do aprendizado da língua portuguesa. Foi mandado um professor de português em tempo integral para a escola de Witmarsum, para ajudar nos trabalhos de ensino da língua para todos os adultos interessados e para os professores em particular.² O governo brasileiro, após a solicitação do diretor da colônia, encaminhou ainda outros profissionais para auxiliar nesta tarefa. Neste período, a partir dos anos 1930, houve uma maior preocupação por parte de setores da elite de acelerar a integração das comunidades imigrantes, tendo em vista o início das tensões internacionais envolvendo Alemanha, Itália e Japão, países com grandes contingentes entre os imigrantes que o Brasil recebera.

O *Die Brücke* relata que a visita de inspetores de ensino vindos de Blumenau e Florianópolis era bastante freqüente. A relação com estes era bastante amistosa, segundo o jornal. Os inspetores ficavam impressionados com a solidez, conforto e limpeza dos prédios.

Mas economicamente as coisas não iam bem. Diferentemente de Blumenau ou Joinville no litoral, as colônias alemãs do médio e alto vale do Rio Itajaí não tiveram o sucesso esperado. Isto também se aplica aos menonitas. Grandes dificuldades de adaptação ao clima e às condições geográficas de Santa Catarina não demoraram a surgir. A agricultura nas serras catarinenses era indecifrável para os habitantes das estepes russas. É interessante notar que quanto mais as condições econômicas se deterioravam nas colônias, mais eles se apegavam à idéia de ampliar os serviços educacionais.

² *Die Brücke*, outubro e novembro de 1932, p.7.

A escola secundária

Logo surgiu a necessidade de construir uma grande escola secundária para os adolescentes e jovens adultos, a *Zentralschule*, no modelo escolar que os menonitas tinham na Rússia. Depois de concluir a escola secundária, alguns poderiam frequentar uma universidade no Brasil mesmo ou na Alemanha. Havia demanda por agrônomos, engenheiros, médicos e professores nas colônias alemãs e os jovens precisavam ter esta oportunidade. Com o intuito de dar impulso a este plano, já em 1931, foi convocada uma reunião para estabelecer as pré-condições para a construção da escola secundária. Cogitou-se buscar patrocínio com menonitas da Holanda e da Alemanha, que já haviam dado sinal de interesse na questão. Por fim, questões menores, como as regras de conduta dos futuros estudantes e rivalidades entre os colonos se tornaram decisivas e o projeto não foi adiante. Pior para os estudantes, pois quem quisesse completar o curso secundário teria de se dirigir a Blumenau e estudar no Colégio Santo Antônio, dirigido por franciscanos alemães ou para o Colégio Sinodal, dos luteranos, em São Leopoldo.³

Apenas em 1933 é que foi novamente levantada a questão da escola secundária e desta vez, apesar dos contratemplos, foi possível completá-la. Em 1935 a escola entrou em funcionamento com 35 alunos. Foi planejado um curso de quatro anos, segundo o currículo da escola alemã de Blumenau, previamente aprovado pela Secretaria de Instrução Pública de Santa Catarina. Este currículo abrangia os seguintes conteúdos: a) em alemão: língua alemã, religião, geografia, matemática, biologia, física, música, história mundial e história menonita; e b) em português: língua portuguesa, história do Brasil e geografia do Brasil. A idéia era atrair também alunos não-menonitas, interessados em uma educação cristã de bom nível, principalmente entre os filhos de outros imigrantes alemães e de teuto-brasileiros residentes na região das colônias. Sabemos que a escola teve grande número de alunos não-menonitas, em função da falta de oferta de escolas na região, tanto públicas quanto privadas. Os menonitas temiam a possibilidade de não poder manter financeiramente a escola, o que explica a abertura para não-menonitas, o que historicamente era raro entre os menonitas.

³ MASKE, 1999, 122.

A influência do nacional-socialismo

A partir de 1937, a escola secundária passou a sofrer influência das idéias dos nazistas, no que se refere à educação. As colônias menonitas não estavam fechadas. Mantinham contato freqüente com a Alemanha e com outros grupos menonitas pelo mundo, por meio de jornais, cartas, radio e viagens. Alguns visitantes também começam a chegar, entre eles novos professores formados na Alemanha nacional-socialista. Estes novos professores passaram a ter uma grande influência na escola secundária, que deveria ser reformulada segundo os padrões educacionais da Nova Alemanha de Hitler. As mudanças teriam como resultado o reconhecimento do diploma concedido pela escola secundária menonita e daria acesso ao aluno freqüentar um curso superior em universidade alemã (KLASSEN, 1995, p. 324). De qualquer forma, o ensino religioso seria preservado, mas outros conteúdos seriam integrados. O dever da escola seria formar o caráter do estudante, fortalecendo sua identidade nacional alemã e aderindo aos princípios do nacional-socialismo. Havia uma grande preocupação entre os novos professores, profundamente imbuídos dos conceitos nazistas, de que o ideal “cristão-germânico” estaria em grande perigo no Brasil. Os alemães e descendentes deixavam-se assimilar rapidamente. Como exemplo disso, citavam o “baixo nível moral” dos teuto-brasileiros, dados ao alcoolismo e sua “frágil estrutura física”, sinal de um retrocesso em seu desenvolvimento. Casamentos com não-alemães iriam levar á perda da identidade do grupo. Vermes, malária, doenças venéreas e perda de dentes eram também sinais disso, ainda conforme Klassen.

Os professores nazistas tinham a intenção de transformar a escola secundária em um internato, aproveitando seu grande poder de influência entre os colonos. Com a reforma e seu reconhecimento pelos governos alemão e brasileiro, o acesso a universidades alemãs e brasileiras ficaria facilitado para os estudantes menonitas. Esta parece ser a razão da grande aceitação por parte da comunidade menonita, que se preocupava em ver o leque de possibilidades de sobrevivência para seus filhos ampliado. Havia um grande interesse de receber também estudantes menonitas do Paraguai. Mas percebemos também em alguns líderes uma grande preocupação com a forte presença de nazistas, em especial de menonitas nazistas, nas colônias de Santa Catarina.

A Perda da Escola Menonita Tradicional

A busca de adequação do sistema escolar menonita no Brasil ao sistema oficial alemão não passou despercebida pelo governo brasileiro. A partir de 1938, as escolas menonitas começaram a se tornar alvo da repressão do Estado Novo contra instituições de ensino particulares de origem estrangeira e regidas por estrangeiros. Durante todo ano de 1938 foram decretadas leis pelo interventor Nereu Ramos, buscando coagir as escolas a se adaptar a esses novos tempos. As escolas menonitas tiveram grande dificuldade em se adaptar. Segundo o último número do *Die Brücke*, houve uma reunião da assembléia de colonos para decidir qual seria a atitude mais sensata. O redator do jornal expressou sua opinião dizendo que parecia ser um situação fatal e não via outra saída senão o fechamento das escolas. De fato, conforme Monteiro (1979,p. 107), todas elas foram fechadas pelo fato de não cumprirem a legislação, principalmente em relação ao currículo em língua alemã e que os diretores eram todos estrangeiros.

Em seu lugar, foram estabelecidas escolas estaduais. Estas, em geral, foram instaladas nos antigos prédios das escolas menonitas e adotaram definitivamente o currículo escolar oficial do Estado de Santa Catarina. Para exemplificar a situação resultante, é interessante notarmos o depoimento de uma aluna, citado em Pauls (1980, p. 9-10):

A questão da escola se tornou um problema para nossos pais. Nossa escola foi assumida pelo governo estadual e nossos professores alemães foram demitidos e substituídos por apenas um único professor brasileiro. Nada teríamos contra ele, se fosse um professor bem instruído e comprometido com nosso progresso. Teríamos então uma boa educação em língua portuguesa, avançaríamos em nossos estudos e teríamos uma integração mais rápida na nova pátria. Mas neste país não são enviados bons professores para o interior. O nosso novo professor, imaginem, não tinha sequer concluído o curso primário! Nosso professor João Barbosa não sabia nem a tabuada, que dirá o restante! Nós, os alunos mais velhos, que ainda havíamos estudado com os professores alemães, sabíamos matemática melhor do que ele. Até os pequenos, que só tinham estudado durante um ano com os professores antigos sabiam mais do que ele. Em questões de disciplina, ele também ficava a desejar. Os meninos maiores resolviam rapidamente as questões e ficavam indisciplinados, brincando e conversando. O professor se irritava e os deixava trancados após as aulas. Quando voltava para soltá-los, eles já tinham fugido pelas janelas ou pelo telhado e sumido pelos morros. Mas tínhamos, gincanas, festas e balões, o que era muito divertido.

Após a Segunda Guerra Mundial, a política de nacionalização de Vargas foi, em parte, revogada. No entanto, as escolas menonitas de Santa Catarina não mais retornaram para seus antigos proprietários. Os menonitas já haviam quase todos, abandonado as

colônias de Santa Catarina e se dividido em dois grupos. Um grupo, menor, foi para uma nova colônia (Colônia Nova), perto de Bagé, no Rio Grande do Sul. Outro, maior, foi para Curitiba, onde se dedicou a diversas atividades, mas principalmente à pecuária leiteira. Posteriormente, foi comprada uma fazenda no Município de Palmeira, onde foi instalada uma nova colônia, que foi chamada de Witmarsum, como a primeira em Santa Catarina.

A razão da saída de Santa Catarina foi principalmente o insatisfatório desenvolvimento econômico que as colônias menonitas lá atingiram. Este pouco desenvolvimento foi ocasionado pela falta de infra-estrutura, pela terra inapropriada, pela falta de capital para maiores investimentos e pela dificuldade de adaptação dos menonitas ao cenário geográfico de Santa Catarina. Também as rivalidades entre os diferentes grupos religiosos, liberais e conservadores, entre os menonitas tiveram um papel importante na dissolução das colônias.

Quanto à questão escolar, das escolas que haviam sido fechadas pelo governo brasileiro, apenas a Escola do Boqueirão, em Curitiba, fundada pelos re-migrantes de Santa Catarina, retornou às mãos dos fundadores, logo depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, o antigo currículo não mais retornou, por força de lei. A escola adotou o currículo da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, no qual a língua alemã figurava como língua estrangeira. Em Colônia Nova e em Colônia Witmarsum foram fundadas escolas particulares, depois estadualizadas, seguindo os currículos propostos pelos seus respectivos Estados.

À guisa de conclusão, observamos como a escola foi um veículo de preservação da identidade religiosa e étnica entre os menonitas no Brasil. Percebemos que sem a escola, talvez teria mais difícil para os menonitas manter sua coesão enquanto grupo religioso independente. De fato, sem a escola, os menonitas no Brasil passaram por um intenso processo de integração à sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

DIE BRÜCKE, Witmarsum (SC) 1932 – 1938.

DYCK, Cornelius J. **Uma Introdução à História Menonita**. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.

FRETZ, Joseph W. **Pilgrims in Paraguay – The History of Mennonite Colonization in South América**. Scottsdale, Mennonite Publishing House, 1953.

FRÖSCHLE, Hartmut. **Die Deutschen in Lateinamerika – Schicksal und Leistungen**. Tübingen, 1979.

KLASSEN, Peter P. **Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien**. Weierhof-Bolanden: mennonitischen Geschichtsverein, 1995.

MASKE, Wilson. **Bíblia e arado: os menonitas e a construção de seu reino**. Um estudo sobre a integração dos imigrantes menonitas no Brasil. Curitiba: UFPR (Dissertação de Mestrado), 1999.

MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do Ensino em Santa Catarina (1930-1940)**. Florianópolis: UFSC (Dissertação de Mestrado), 1979.

PAULS, Peter, Jr. **Mennoniten in Brasilien**. Palmeira: Editora do Autor, 1980.

PIAZZA, Walter. **Uma História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1982.

STADEN JAHRBUCH, São Paulo (SP), 1956.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1980.